

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: jornal do tarde Class.: Energia/UHE/Sudeste
 Data: 31/12/93 Pg.: 12 02

LIANA JOHN

Quatro projetos de hidrelétricas pretendem alterar o curso do último grande rio paulista sem barragens, o Ribeira de Iguape. As quatro usinas - Tijuco Alto, Funil, Batatal e Itaoca - deslocariam cerca de 8 mil pessoas e inundariam um total de 9.500 hectares, para produzir 423 megawatts de energia. A maior parte dessa energia serviria à expansão da Companhia Brasileira de Alumínio, CBA, de propriedade do grupo Votorantim.

Localizado no extremo sul do Estado, o Ribeira nasce perto de Vila Velha, no Paraná, atravessa a Serra de Paranaíacaba e desce até o litoral paulista, na altura da cidade de Iguape. Corta a maior mancha contínua de Mata Atlântica do país e a região mais pobre de São Paulo, onde quase toda a população vive de agricultura de subsistência, banicultura, criação de búfalos ou pesca artesanal.

Comparadas a outras usinas paulistas, as áreas inundadas não são grandes, porque o rio tem o leito encaixado em meio a montanhas e a várzea não é muito extensa, o que atenua os impactos ambientais diretos.

Conforme Fernando Ferreira Camargo, diretor de meio ambiente da CESP, Centrais Elétricas de São Paulo, as barragens do Ribeira inundarão 0,2 hectare por kilowatt produzido, metade da média paulista, de 0,5 ha/kw. "A questão principal do Ribeira de Iguape não é a quantidade de mata atlântica a ser inundada, mas o destino que se vai dar ao rio como um todo", explica João Paulo Capobianco, da Fundação SOS Mata Atlântica. "É preciso discutir se queremos transformar um rio em um rio morto, com grande potencial para o turismo ecológico, numa porção de usinas, para fornecer energia a preços subsidiados, para uma empresa privada exportar alumínio, cujo mercado internacional está em queda".

O empresário Antonio Ermírio de Moraes tem outro conceito para o desenvolvimento da região. Ele acredita que tudo possa ser feito nas margens dos reservatórios das hidrelétricas. "Aquela é uma região extremamente pobre. Não há qualquer oportunidade de emprego. Nós vamos criar 1.500 empregos diretos, só na construção da Tijuco Alto e ainda queremos fazer uma

Barragens vão mudar vida do Ribeira

Construção de usinas vai deslocar 8.000 pessoas e inundar 9.500 hectares



A pesca artesanal, numa das regiões mais pobres do interior de São Paulo.

verdadeira reforma agrária, reassentando os posseiros no entorno do lago", afirma Antonio Ermírio. "Ninguém quer fazer uma ação predatória, nós seguimos os trâmites legais e atendemos a todos os pedidos da Secretaria do Meio Ambiente".

O empresário lembra, ainda,

**HIDRELÉTRICAS
ALTERARÃO
O CURSO DO ÚLTIMO
GRANDE RIO PAULISTA
SEM BARRAGENS, O
RIBEIRA DO IGUAPE.**

que Tijuco Alto ajudará a controlar 30% das enchentes do Ribeira, que atingem diretamente todos os ribeirinhos à jusante da barragem. Com a construção de Funil e Itaoca, pela CESP, as enchentes serão quase totalmente controladas. "Com as barragens, o Vale do Ribeira poderá investir numa

indústria de hotelaria e turismo de grande potencial", conclui Antonio Ermírio.

Segundo Capobianco, autorizar a primeira barragem é aprovar todas as outras e assim decidir de forma unilateral o destino do rio. O Conselho Estadual de Meio Ambiente, Consema, do qual o ambientalista faz parte, criou uma comissão para estudar todas as propostas e planos elaborados para o Ribeira, de vários órgãos públicos. "Muitas propostas são incompatíveis e é preciso decidir após conhecer e discutir todas elas. Somos favoráveis à conservação do rio sem barramentos, com recuperação da mata ciliar, preservação do recurso hídrico e da paisagem", acrescenta.

O rio corta solos calcários e jazidas de ouro, chumbo, cobre e zinco. A presença dos minérios deixou sua marca na história do vale e nas águas do rio. Uma mistura de sais minerais e nutrientes, aliados à temperatura e nível de acidez das

águas conferem ao Ribeira uma condição especial, da qual depende a reprodução e sobrevivência de peixes comerciais, como a manjuba.

A qualidade da água vem sendo alterada pelas minerações de chumbo, pelo esgoto das cidades ribeirinhas e, provavelmente, pelos venenos utilizados nos bananais. Em razão disso, as manjubas ocorrem em trechos cada vez mais restritos do rio e já não sobem a serra.

"A construção das barragens alteraria ainda mais a composição físico-química das águas, por que os sais decantariam nas águas mais calmas dos reservatórios e o nível de oxigênio mudaria, com consequências ainda desconhecidas para as manjubas", explica Geraldo G. J. Eysink, da Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental, Cetesb, lembrando que comunidades inteiras de pescadores de Iguape dependem da pesca dessa espécie para sobreviver.

LAGO DE TIJUCO ALTO NASCE EM 99

O projeto de barragem mais adiantado é Tijuco Alto, que produzirá 150 megawatts e inundará quase 5 mil hectares. Toda a energia produzida pela usina será transmitida para a Companhia Brasileira de Alumínio, CBA, e corresponderá a 25% da demanda para produção de alumínio, segundo Antonio Ermírio de Moraes, um dos proprietários da CBA.

A engenharia está pronta e foram comprados 9.680 hectares de terras, o dobro do que será inundado pela barragem. "Os antigos proprietários já se mudaram, mas deixaram para trás alguns meeiros e posseiros que reassentaremos nas margens do lago, desde que comprovada a posse", garante Antonio Ermírio.

A expectativa do empresário é conseguir a aprovação até março de 1994 para iniciar o enchimento do lago no segundo semestre de 1999. A obra custará 200 milhões de dólares e será de investimento totalmente privado, sem financiamento de bancos estatais. A ocupação histórica do Vale do Ribeira deve-se, principalmente, à exploração do ouro e do chumbo. Escravos foram levados para lá, no século XVII, para garimpar ouro. Fugiram ou mataram seus feitores e fundaram quilombos que ainda hoje permanecem como comunidades negras. A garimpagem deu lugar à agricultura e aos bananais, mas as comunidades permaneceram na beira do rio. Com as barragens, não só os antigos quilombos seriam inundados, como os bananais mais produtivos.

As comunidades negras não têm título das terras que ocupam, mas estão reivindicando o direito coletivo de possuí-las, com base na Constituição de 1988, no artigo 68 das Disposições Transitórias, que trata dos remanescentes de quilombos. A mais articulada das comunidades do Ribeira é Ivaporunduva, localizada a 48 quilômetros de Eldorado. A moradora mais antiga, Joaquina Marino, tem 83 anos e já nasceu ali. Segundo ela todos ali são parentes, negros casados entre si, muitos dos quais não conhecem nem as cidades mais próximas. O líder comunitário, José Rodrigues da Silva, conta que a igreja Nossa Senhora do Rosário foi construída em 1690 e diz ter um documento de meados do século XVIII, de um enviado do rei de Portugal, que subiu de Iguape pelo Ribeira e ali encontrou o quilombo Ivaporunduva.

Os descendentes de escravos não pretendem obter a titulação para serem desapropriados e ver as terras inundadas pela barragem de Batatal. "Não temos como sair. Não dá para expulsar o povo do campo para fazer enxame na cidade", declara Rodrigues. "Eles deveriam investir naquilo que o povo acha que é desenvolvimento e não no desenvolvimento deles. Deviam criar uma política de favorecimento do pequeno produtor, assistência para o trabalhador, condições de transporte, aí o vale todo seria desenvolvido".